

Editorial

Dilaine Soares Sampaio¹

O racismo religioso de cada dia: qual a resposta das Ciências da Religião?

No começo deste ano, precisamente em 7 de março de 2023, uma notícia deu o que falar nas redes sociais e nas diversas mídias. O portal G1 trouxe a pauta com o seguinte título: *Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana*. No subtítulo detalhava-se o ocorrido: *Exemplar vandalizado da obra "Amoras" será repostado em escola de Salvador. Advogada aponta racismo religioso*. Senti-me indignada e tocada por diversos aspectos. Primeiro, cada ato cotidiano de racismo, mesmo para quem estuda as religiões afro-brasileiras há mais de vinte anos e atua como uma professora antirracista, é uma dor e uma raiva gigantes porque sempre traz uma sensação de insuficiência perante a arquitetura racista que molda a nossa sociedade e faz com que as pessoas pretas sigam sem paz precisando fazer enfrentamentos diários para existirem.

Segundo, porque sou fã de Emicida há muitos anos. E.M.I.C.I.D.A, que também é um acrônimo, significa: "Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte²" - uma das explicações para o nome artístico do rapper, compositor, cantor e apresentador brasileiro Leandro Roque de Oliveira.

Terceiro, porque sou mãe de um lindo menino negro que adora o livro *Amoras* porque, segundo ele: "Olha mamãe, a menina do livro tem um "blackão" maior que o meu e ainda vira arco-íris!". A frase veio logo nas primeiras páginas do livro onde a personagem principal, uma menina preta, está de lado e ao fundo

¹ Professora Associada do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Editora- gerente da Revista Religare desde 2014.

² DURAN, Sabrina. Emicida style. 26 de junho de 2009. Revista Trip. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/emicida-style>. Acesso em 11 de junho de 2023.

há nuvens e o arco-íris que o cabelo dela alcança ou “vira arco-íris!”. Ao lado da imagem a seguinte frase abre a obra: “Não há melhor palco para um pensamento que dança do que o lado de dentro da cabeça das crianças”. Difícil acreditar que um livro iniciado com uma frase tão poética, desta profundidade, possa ter sido violentado. De acordo com a matéria do G1, o livro “foi alvo de intolerância religiosa praticado pela mãe de um aluno do ensino fundamental de uma escola particular de Salvador”. Várias páginas da obra “foram riscadas com indicações de salmos bíblicos, enquanto informações sobre orixás foram indicadas como “falsas”. O trabalho primoroso de Emicida traz um glossário ao final, com o intuito de explicar, em linguagem adequada para as crianças, determinadas palavras. As fotos publicadas no Portal G1 mostram o verbete “África: é um continente gigante que possui 54 países. É também o lugar onde a raça humana começou, e por isso, a África é conhecida como berço da humanidade”. E ao lado dele, as inscrições vandalizadoras da mãe do estudante: “Essa info é fake!”. E na sequência, a autora do vandalismo explicita: “informação verídica sobre a raça humana está no livro de Gênesis do 1. ao cap.9 e 10. Estas ideologias, com origens africanas, com base em religiões anticristãs (é blasfêmia contra o deus vivo) vulgo o criador”.

Essas inscrições me tocaram profundamente como historiadora e cientista das religiões e esta foi a quarta razão que me conduziu à escrita deste Editorial. A primeira pergunta que me ocorreu - mais óbvia, mas não de fácil resposta quando vista à lupa: Afinal, qual a resposta das Ciências da Religião³ para o racismo religioso? Decorrente desta, vieram muitas outras: O componente curricular Ensino Religioso, para o qual nossos cursos de Licenciatura formam profissionais, é também agente de transformação social? Tem se juntado à luta antirracista? Consegue ser não proselitista, não confessional e atuar de forma eficaz para o ensino e o respeito à diversidade religiosa, como idealmente se

³ Utilizo aqui a denominação da área 44 na CAPES: Ciências da Religião e Teologia.

pensa nas produções intelectuais de nossa Área? E por fim, o Ensino Religioso desconstrói o criacionismo ainda frequente nos ambientes escolares?

Muitas outras questões poderiam ser feitas, mas considero que já temos um quantitativo razoável para reflexão feita nos limites de um Editorial. Para tal pergunta óbvia a resposta é plural, traz diversas possibilidades e, portanto, deixa de ser óbvia. Para todas as demais perguntas, em que as respostas podem inicialmente serem respondidas por “sim” ou “não”, devo adiantar que são as duas coisas: Sim para todas e não para todas. Sim porque já podemos perceber e as pesquisas de nossa Área, além da atuação do FONAPER – Fórum Nacional para o Ensino Religioso, demonstram que já avançamos. Para muitas professoras e professores de Ensino Religioso, formados em Ciências da Religião, um Ensino Religioso não proselitista, não confessional, que eduque para o respeito à diversidade religiosa tem se tornado uma prática.

Por outro lado, para as mesmas perguntas, também precisamos responder que não! Não - porque as escolas são diversas, as comunidades escolares refletem o espaço social em que se encontram, as/os profissionais são diversas/os, a maioria das pessoas docentes que atuam na Educação Básica, ministrando o Ensino Religioso, não são formados em Ciências da Religião ou sequer passaram por formação continuada em nossa Área. Ainda temos sacerdotes religiosos cristãos ministrando a disciplina e assim o fazem no modelo confessional. Relatos similares ao ocorrido com o livro de Emicida são trazidos com muita frequência por estudantes que fazem o estágio supervisionado. Ao ministrar as disciplinas de religiões afro-brasileiras e arte sacra afro-brasileira nos cursos de Graduação em Ciências das Religiões, os relatos surgem justamente como exemplo de racismo religioso, de demonização e de desqualificação das religiões afro-brasileiras. Há muita oração e reza ainda sendo feitas nas escolas públicas, há casos de crianças candomblecistas que foram impedidas de entrar de branco na escola, em momentos de preceito, pela “ausência do uniforme”. Professoras e professores que se recusam a trabalhar a musicalidade africana “porque agita

muito as crianças” ou levam o boletim dominical, usado na igreja evangélica que frequentam, e o transformam em aula, não fazendo o mesmo com outros textos relacionados a outras religiões... Ou situações aparentemente mais sutis, quando os temas relacionados ao cristianismo são esticados ao máximo ao longo de quase todo o ano, de modo que a religiões afro-brasileiras só aparecem “por obrigação” no mês de novembro quando, infelizmente, muitas escolas se recordam da necessidade de pautar as temáticas relativas à negritude, à cultura negra e ao legado africano.

E quando ministro a disciplina de religiões afro-brasileiras na Pós-Graduação? Há também relatos de racismo religioso? Sim, os mesmos tipos de relato chegam - agora de docentes que já atuam, seja na gestão ou em sala de aula. Inclusive aquelas pessoas que estão na gestão buscando fazer o diferente esbarram em muita resistência - não das crianças e adolescentes, mas das pessoas docentes e da comunidade escolar. E, lamentavelmente, o racismo religioso não vem só por relatos externos. Ele ocorre em nossos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação, até mesmo no intervalo de uma aula em que a disciplina ministrada é exatamente a de religiões afro-brasileiras e o tema do racismo religioso é tratado! Ouso afirmar que não é um desprivilégio de nossa instituição, porque as trocas com colegas da área de Ciências da Religião e Teologia nos congressos e nas mais diversas situações de trabalho, além dos trabalhos desenvolvidos por colegas especializadas/os em Ensino Religioso, demonstram que lidamos com tais situações em nosso cotidiano de sala de aula.

Infelizmente “o lado de dentro da cabeça de um adulto” não é como o das crianças, como traz Emicida nas páginas iniciais de sua obra. O racismo religioso é aprendido, porque é fruto do racismo estrutural (Almeida, 2019) ou do racismo paraestrutural - como preferiu denominar Muniz Sodré (2023). Talvez leitoras e leitores estivessem esperando respostas para todas as questões que me fiz. Desculpem, mas não foi este o intuito! Meu objetivo é que a reflexão leve cada vez mais à nossa ação. Nunca é demais lembrar que a disciplina Ciência da

Religião, construída sob padrões eurocêtricos, brancos, cis-heteronormativos, que se dedica majoritariamente aos estudos do cristianismo, e de forma minoritária às religiões afro-brasileiras e indígenas, tem muitas respostas a dar, muitas contas a prestar e muitos caminhos a construir. Essa reflexão é sobre a urgência de construirmos uma Ciências da Religião antirracista, ou seja, que a nossa área de Ciências da Religião e Teologia tenha o antirracismo como lugar de partida mais do que como lugar de chegada, o que requer ações efetivas de nossos Programas de Pós-Graduação e de nossos cursos de Graduação. Algumas delas, aparentemente simples, seguem não sendo feitas - o que pode ser atestado pelos relatórios anuais elaborados pelos Programas da Área na plataforma Sucupira da CAPES, que é de consulta pública. Um exemplo é a ação afirmativa nas produções intelectuais, nas disciplinas ministradas, na bibliografia de nossos processos seletivos para ingresso em nossos cursos de mestrado e doutorado e ainda nos concursos para professores de nossa Área. Quantas autoras pretas, quantos autores pretos, quantas autoras indígenas, quantos autores indígenas vêm sendo utilizados nas bibliografias? Esses compromissos já têm sido firmados por nossos colegiados departamentais e de nossos Programas de Pós-Graduação? Já temos políticas efetivas que possam assegurar a permanência de estudantes negras e negros em nossos Programas de Pós-Graduação? O tema do racismo tem atravessado as nossas disciplinas ou fica restrito àquelas que são focadas nas religiões afro-brasileiras? É sobre isso! É sobre equilíbrio de histórias (Achebe, 2001), é sobre não trabalhar com uma história única (Adiche, 2019), é sobre fazer nosso pensamento dançar outras melodias, outras músicas. É sobre reconhecimento do legado epistemológico e intelectual africano e indígena, é sobre políticas de reparação, sobre mudanças de horizontes epistêmicos para a área de Ciências das Religião e Teologia

Referências

ACHEBE, Chinua. Home and exile. Nova York: Anchor Books, 2001.

ADICHE, Chimananda Ngozi. O perigo de uma história única. Cia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro/ Polén, 2019.

SODRÉ, Muniz. O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.